

**Paulo Gomes Leite**

Professor de História. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

## Revolução e heresia na biblioteca de um advogado de Mariana



**N**os Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, há referência a livros perigosos que circulavam entre os inconfidentes, excitando-lhes o ardor revolucionário. No segundo Interrogatório a que foi submetido, em 21 de julho de 1789, o cel. Francisco Antônio de Oliveira Lopes disse que um primo seu, o também inconfidente Domingos Vidal de Barbosa Laje, "lhe contou muitas coisas de que tratava um livro do abade Raynal, tanto assim que sabia de cor algumas passagens do mesmo livro".<sup>1</sup> Numa acareação com seu primo, Oliveira Lopes afirmou que o dr. José Pereira Ribeiro, de Mariana, tinha a *História filosófica e política*, do abade Raynal, e

as leis dos norte-americanos. Domingos Vidal confirmou o fato e acrescentou que viu o livro de Raynal quando veio de Lisboa para o Brasil em companhia do dr. José P. Ribeiro.<sup>2</sup>

O padre Toledo disse que:

ouviu dizer a Francisco Antônio de Oliveira Lopes que havia um livro de um autor francês, que estava na mão de um doutor na cidade de Mariana, o qual no fim trazia o modo de se fazerem os levantes, que era cortando a cabeça ao governador e fazendo uma fala ao povo e repetida por um sujeito erudito, e que este livro tinha sido mandado queimar por Sua Majestade...<sup>3</sup>

Contou o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada num dos seus depoimentos que, em sua casa, Tiradentes, Alvarenga Peixoto, o padre Toledo e o padre Rolim comentaram que

o abade Raynal tinha sido um escritor de grandes vistas, porque prognosticou o levantamento da América setentrional, e que a capitania de Minas Gerais, com o lançamento do tributo da derrama, estaria agora nas mesmas circunstâncias.<sup>4</sup>

Era grande o interesse dos inconfidentes pelos livros que tratavam da independência dos Estados Unidos. Segundo o padre José Lopes de Oliveira, Tiradentes andava procurando nas bibliotecas obras relativas ao levante dos norte-americanos.<sup>5</sup>

Nos Autos de Devassa, há várias referências a essa intensa atividade livresca do Alferes, que pediu a Francisco Xavier Machado, porta-estandarte do Regimento de Cavalaria Regular, para lhe traduzir um capítulo da *Coleção das leis constitutivas dos Estados Unidos da América*

e o capítulo que apontava vinha a ser a seção oitava, sobre a forma da eleição do conselho privado, por cujo conteúdo ser invulgar ao dito Alferes, ele, testemunha (F.X.Machado), traduziu; o qual (Tiradentes), depois, folheou muito o mesmo livro e como quem queria achar outro lugar, deixando-lhe ficar o mesmo livro, que

é o próprio em oitavo, com capa de papel pintado, apenso desta Devassa.<sup>6</sup>

No termo de entrega das duas devassas ao desembargador conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, de 26 de janeiro de 1791, há uma citação do apenso 26 da Devassa de Minas, "que é um livro em francês das leis constitutivas dos Estados Unidos da América Inglesa, e tem trezentas e setenta páginas".<sup>7</sup> Trata-se do *Recueil des loix constitutives des colonies angloises, confédérées sous la dénomination d'Etats Unis de L'Amérique Septentrionale*, editado na Suíça em 1778, traduzido do inglês por Claude Ambrose Régner. O volume foi destacado dos autos pelo historiador Melo Moraes, em 1860, e oferecido à Biblioteca Pública de Florianópolis, tendo sido, posteriormente, transferido para o Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, onde atualmente se encontra.

Joaquim José da Silva Xavier procurou também Simão Pires Sardinha, "levando-lhe uns livros ingleses para lhe traduzir certos lugares que também diziam respeito a coisas da América"<sup>8</sup>, ainda segundo o depoimento de Francisco Xavier Machado.

José Álvares Maciel também trouxe da Europa um exemplar da coleção das leis dos Estados Unidos, conforme depoimento de Francisco Antônio de Oliveira Lopes.<sup>9</sup> Há indicação documental da entrada na capitania de Minas Gerais de apenas dois exemplares das

R

mencionadas leis: o de Álvares Maciel e o do dr. José Pereira Ribeiro, advogado em Mariana.

Embora nunca tivesse saído do Brasil, o cônego Luís Vieira da Silva conseguiu adquirir obras proibidas e incendiárias, como as de Bielfeld, Voltaire, Robertson, Mably, Giannone, e *L'Esprit de l'Encyclopédie*, uma seleção dos principais artigos da *Enciclopédia*, de Diderot e d'Alembert. Estava, pois, a par da revolução que se processava no mundo das idéias.

Conhecia as leis dos Estados Unidos, como ele próprio confessou, e devia conhecê-las muito bem para ser aceito como um dos redatores das leis da projetada República do Brasil, ao lado de Cláudio e Gonzaga. Para isso, era fundamental que tivesse em mãos o *Recueil des loix constitutives*... Assim como pediu emprestado um livro de Mably ao intendente Bandeira, é possível que também tivesse pedido emprestado ao dr. José P. Ribeiro o exemplar do *Recueil* que ele trouxe da Europa para Mariana. Outrossim, parece-nos lícito supor que Domingos Vidal tenha se servido do exemplar da obra de Raynal, que o dr. José Ribeiro igualmente trouxe. Recorde-se que Vidal foi seu companheiro de viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro e que sabia trechos de cor do revolucionário iluminista.

A biblioteca do cônego Luís Vieira da Silva, notável para a época e o meio em

que viveu, objeto de freqüentes referências e citações, sempre impressionou os estudiosos, que não se cansam de louvar o valor cultural e histórico das obras que a compõem. Como só acontecia em tais casos, a admiração, aliás justa, acabou por fazer acréscimos ao admirável acervo, alterando a realidade dos fatos e levando a falsas implicações históricas. Apesar da relevância dos filósofos iluministas ali presentes, a biblioteca deve ser reduzida às suas devidas proporções, e para isso cumpre atentar nos dois seguintes fatos:

1) Ressalte-se, em primeiro lugar, que a imaginação de alguns historiadores se encarregou de colocar nas estantes do cônego livros que ali nunca estiveram, como a *Histoire philosophique et politique des etablissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, do abade Raynal<sup>10</sup>, e obras de Rousseau. Embora conste dos Autos de Devassa que a obra de Raynal era sobejamente conhecida dos incondidentes, não há nenhuma evidência concreta, nos Autos ou em qualquer outro documento, de que ela figurasse na biblioteca de Luís Vieira, apesar da sua avidez de informações e conhecimentos e da afinidade de princípios entre o ativo revolucionário mineiro e o incendiário autor francês. É até provável que o cônego a tivesse lido, mas uma coisa é formular uma hipótese, e outra é materializar uma probabilidade e pô-la numa prateleira.

2) Ao contrário do que geralmente se pensa, a biblioteca do cônego não é a única grande biblioteca na capitania de Minas no século XVIII. Não é, nem mesmo a mais relevante no que concerne à bibliografia iluminista e revolucionária. Sob esse aspecto, a mais importante, embora menor quanto à quantidade de livros, é a do dr. José Pereira Ribeiro, advogado em Mariana, formado pela Universidade de Coimbra.

O inventário dos seus bens encontra-se no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana.<sup>11</sup> Data de 1798 e traz a relação dos livros da sua biblioteca. São 201 obras em 486 volumes. O cônego Luís Vieira da Silva tinha 276 obras em 563 volumes. Sabe-se, pelos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, que o dr. Ribeiro tinha a *Histoire philosophique et politique...* e as leis dos norte-americanos, como atrás já ficou dito.

É importante notar que não constam do inventário a obra de Raynal e as leis dos Estados Unidos. A primeira obra teria sido emprestada a Domingos Vidal, e a segunda ao cônego. De qualquer modo, é significativa a ausência delas no arrolamento dos livros, pois eram obras altamente comprometedoras. Se não foram emprestadas, podem ter sido queimadas logo que se começaram a fazer as prisões dos conjurados, para evitar suspeitas ou represálias.

Pelo fato de o dr. José P. Ribeiro ter sido depositário dos livros do cônego Luís Vieira, não se pense que os volumes

arrolados no inventário daquele são os do cônego. Trata-se de duas bibliotecas completamente diferentes, embora haja - é claro - coincidência de algumas obras.

O dr. José Pereira Ribeiro nasceu em Congonhas do Campo, comarca de Vila Rica, em 1764, e morreu em Mariana, em 28 de fevereiro de 1798, com 34 anos. Bacharelou-se em Leis pela Universidade de Coimbra em 1787 e no ano seguinte veio para o Brasil, em companhia de Domingos Vidal de Barbosa Laje, trazendo a incendiária obra de Raynal e as leis dos Estados Unidos. Era tio (porém mais moço) do dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, que foi preso e depois solto. Depois duas vezes na Devassa, mas nada revelou e não foi molestado. Advogou em Mariana e foi também poeta, como afirma seu sobrinho, o dr. Diogo: "De uma suavidade inimitável em suas composições poéticas, que todos admiram, até merece ser chamado o Anacreonte de Minas".<sup>12</sup>

Era casado com Rita Caetana Maria de São José, com quem teve cinco filhos e não um, como já se escreveu. O quinto nasceu depois de sua morte. Esses dados constam do inventário.

As obras iluministas (muitas delas proibidas), revolucionárias e heréticas, abundam em sua biblioteca. Ai estão D'Alembert, Robertson, Genuense, Mably, Febrônio, Voltaire, Bielfeld, Vattel, Montesquieu, Condillac e Wolff. Nenhuma referência à obra de Raynal.

Ela só vai aparecer nas páginas dos Autos de Devassa, e é importante notar que todas às vezes em que ela é citada está associada ao exemplar do dr. José Pereira Ribeiro. Pode-se até mesmo observar a seguinte seqüência nos Autos:

- 1) Domingos Vidal afirma que viu o livro de Raynal com o dr. José Pereira Ribeiro durante a viagem de regresso ao Brasil.
- 2) Domingos Vidal sabia de cor algumas passagens da obra e fala sobre ela com o seu primo, o também inconfidente



**RAYNAL, Guillaume Thomaz. Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes. Paris: Anable, Costes et Cie, 1820.**

coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes.

3) Oliveira Lopes fala do livro ao padre Toledo e diz que ele "estava na mão de um doutor na cidade de Mariana". Dá pormenores da obra.

4) O tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrada revela que, em sua casa, Tiradentes, Alvarenga Peixoto, o padre Toledo e o padre Rolim comentaram a obra. Enfim, a obra é minuciosamente debatida a partir do exemplar do dr. Ribeiro, o único citado nos Autos e só lá citado. Não há notícia, documentalmente comprovada, de nenhum outro exemplar em Minas naquela época (até 1789).

Como se vê, um inconfidente passava para outro os dados essenciais da obra de Raynal, de modo que os que não tiveram a oportunidade de manusear o livro assimilaram auditivamente sua mensagem revolucionária. Na casa de Andrada, ela se transmitiu através de uma 'leitura' coletiva, já que a obra foi comentada. Tal 'leitura', embora superficial, tinha a vantagem de ser esclarecedora, por se processar por meio de debates e troca de idéias. Assim, os inconfidentes menos cultos tiveram a oportunidade de alcançar um razoável grau de conscientização.

A notável biblioteca iluminista do dr. José Pereira Ribeiro foi o mais importante suporte ideológico da Inconfidência Mineira, tendo contribuído para conscientizar os

mineiros e excitar-lhes o ânimo revolucionário.

Muitos são os livros de Jurisprudência que ali se encontram, havendo também as obras-primas da literatura universal, gramáticas, dicionários, livros de história, geografia, teologia, matemática, medicina, química, história natural, filosofia etc., formando um acervo diversificado, que evidencia amplo interesse cultural.

Entre as obras literárias, destacam-se as de Anacreonte, Safo, Horácio, Virgílio, Terêncio, Cícero, Milton, Le Sage (*Oll Blas de Santillane*, uma das novelas mais lidas no século XVIII), Gesner, Correia Garção, frei José de Santa Rita Durão (*Caramuru*).

Também merecem destaque Fernão Mendes Pinto, frei Luís de Sousa (*Vida de dom frei Bartolomeu dos Mártires*), Matias Aires (*Reflexões sobre a valdade dos homens*), Sebastião da Rocha Pitta (*História da América Portuguesa*), Tissot (em dois vols.), Lineu (*Filosofia botânica*), Pufendorf (*Direito natural*), Platão (*Diálogo moral*).

Mencionamos a seguir obras de escritores iluministas (muitas delas proibidas) e obras que, ou por serem consideradas heréticas, ou por motivos morais, foram condenadas pela Igreja:

1) D'Alembert: *Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie*. 5 vols.

D'Alembert foi, juntamente com Diderot, um dos organizadores da famosa *Enciclopédia*, obra condenada não só

pelo poder espiritual, como também pelo temporal.

Em *Mélanges...*, D'Alembert diz que os filósofos e cientistas foram injustamente perseguidos por causa das suas idéias e das suas descobertas, responsabilizando a Inquisição pelo atraso cultural em que alguns países se encontravam.<sup>13</sup>

2) Millot: *Histoire générale*. 9 vols.

Com o intuito de combater a superstição, o abade Millot dirige sarcasmos contra os padres e os papas.

3) Robertson: *Histoire de l'Amérique*. 4 vols. Robertson, um dos luminares do Iluminismo escocês, afirma que o Tribunal da Inquisição, em todos os lugares onde era estabelecido, tolhia o espírito de pesquisa e o progresso das Letras.<sup>14</sup>

4) Genuense: *Lógica e Metafísica*. 2 vols. O padre Antônio Genuense, representante do Iluminismo italiano, é considerado um autor perigoso. Seus *Elementos de teologia*, publicados em 1751, foram condenados pelo arcebispo de Nápoles, Spinelli, e Genuense foi afastado da cátedra de Teologia, que ocupava desde 1741.

5) *Histoire du Parlement*. O escrivão não cita o autor. Pode ser a *Histoire du Parlement d'Angleterre*, de Raynal, ou *Histoire du Parlement de Paris*, de Voltaire. Nesta segunda obra, Voltaire critica o Parlamento, apresentando-o como um órgão composto por jansenistas reacionários.

6) Obras de Mably. 11 vols. Mais adiante, o escrivão menciona o *Droit public de l'Europe*, de Mably, em três vols., livro proibido na França por suas idéias audazes em matéria de política e economia social. O autor ataca a Inquisição, dizendo que ela é contrária aos princípios do Cristianismo e às luzes da razão, bem como um possante obstáculo às revoluções domésticas, pois acostuma os espíritos a pensar sempre do mesmo modo.<sup>15</sup>

7) Justino Febrônio. 2 vols.

É autor de *De Statu Ecclesiae*, obra proibida pela Igreja por defender os princípios do galicanismo, isto é, a autonomia dos bispos franceses diante da autoridade do Papa.

8) Voltaire: *Siècle de Louis XIV, Carlos XII, Henriade*.

O *Siècle de Louis XIV* publicou-se em Berlim, em 1751, e foi proibido na França. No fim do livro, Voltaire diz que esse século teria sido, em todos os aspectos, notável, se não tivesse dado lugar à superstição, e que Luís XIV teria sido o rei ideal, se não tivesse tido um jesuíta por confessor.

9) Samuel Richardson: *Pamela*. 4 vols. Editado em 1740, o romance do escritor inglês foi incluído no *Index Librorum Prohibitorum* em 1744.<sup>16</sup>

10) Obras de Linguet. 5 vols.

Linguet, um dos que mais combateram o despotismo monárquico, escreveu inúmeros livros, sobre os mais variados assuntos. Seus escritos mordazes e sua

extrema audácia levaram-no ao exílio e à prisão, tendo sido condenado à morte em 1794, sob o regime do terror. Esteve encarcerado na Bastilha durante dois anos, de onde saiu em maio de 1782. No ano seguinte, foram publicadas em Londres suas *Memórias da Bastilha*, obra que alcançou grande repercussão e foi uma das mais vendidas na França no século XVIII.<sup>17</sup>

Sua *História imparcial dos jesuítas*, editada em 1768, foi queimada por decreto do Parlamento de Paris, ao pé da escadaria do palácio, apesar do 'imparcial' do título.

11) *História da América Inglesa*, sem indicação do autor.

As obras que abordavam a independência dos Estados Unidos despertavam grande interesse nos intelectuais brasileiros da época.

12) Bielfeld: *Institutions politiques*.

Esta obra, de um dos maiores expoentes do Iluminismo alemão, contém o mais violento ataque que já se fez à Inquisição. Diz o autor que era preciso, secretamente, pôr fogo no palácio e nas prisões da Inquisição, que ele chama de 'horível Tribunal' e de 'monstro hediondo'. Tacha Portugal de nação 'carola e supersticiosa'.<sup>18</sup>

13) Vattel: *Direito das gentes*. 3 vols.

Obra proibida e queimada pela Inquisição espanhola em 1779.

14) Obras de Montesquieu, 6 vols.

Montesquieu foi um importante marco

do Iluminismo francês. Segundo o abade Raynal, *O espírito das leis* virou a cabeça de todo o povo da França.

15) *Obra elementar* de Condillac, iluminista francês.

16) Wolff: *Princípios de direito natural*. 3 vols.

Wolff foi um dos grandes nomes do Iluminismo alemão.

A análise de bibliotecas esbarra em várias dificuldades. Uma delas, de difícil solução, diz respeito a um livro da biblioteca do cônego, objeto de dúvidas e especulações e matéria controversa entre os historiadores. Trata-se de *Elementos da arte militar*. Uma obra de estratégia militar na estante de um sacerdote revolucionário suscita indagações, suspeitas e interpretações polêmicas. O livro estaria ali servindo o padre-filósofo ou o padre-conspirador? Sua função era formar o intelecto ou dilacerar a carne?

Eduardo Frieiro não vê mais do que febre de instrução.<sup>19</sup>

Márcio Jardim discorda do ponto de vista de Frieiro, alegando que no acervo do cônego não se nota nenhuma inutilidade, "nada estava ali por acaso numa simples composição de estante".<sup>20</sup>

Frieiro cita o depoimento de Domingos Vidal na Devassa de Minas, mas não o considera suficiente para provar que o cônego tenha desempenhado o papel de estrategista militar. Não cita, contudo,

o depoimento de Vidal na Devassa do Rio. Cotejando-se os dois depoimentos, pode-se verificar que o da Devassa do Rio acrescenta um dado importante, através de uma única palavra. Senão, vejamos:

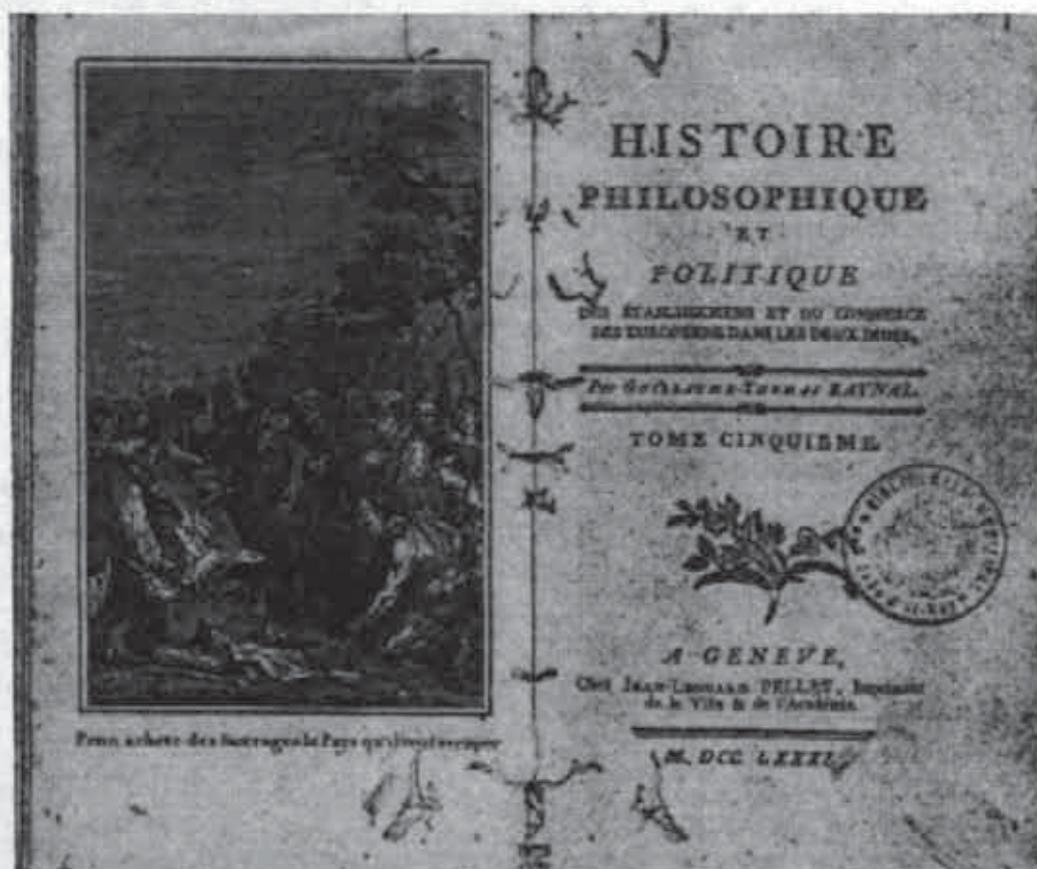
"...tinha feito um plano..."(Devassa de Minas).<sup>21</sup>

"...tinha feito um papel..."(Devassa do Rio).<sup>22</sup>

Pela Devassa do Rio, sabe-se que o plano do cônego era por escrito, no papel, possivelmente com um gráfico, e não, um simples plano verbal, um palpite que entra por um ouvido e sai pelo outro. A Conjuração não foi uma

quimera ideada em tertúlias literárias nem um simples devaneio romântico em amenos entretenimentos pós-prandiais. Ela teve uma fundamentação ideológica e estratégica, e o plano militar realmente coube ao cônego Luís Vieira da Silva.

Vê-se que a participação do cônego no movimento foi intensa e da maior relevância. Graças à sua erudição e aos livros que conseguiu, foi um dos redatores das leis sem ser advogado e o responsável pela estratégia militar sem ser militar. Do mesmo modo que não leu as leis dos norte-americanos por 'febre de instrução', parece que não leu também os *Elementos da arte militar*



**A revolucionária obra do abade Raynal, tachada pela Sorbonne de "delírio de uma alma ímpia" e queimada por ordem do Parlamento francês. Exemplar da Biblioteca Municipal de São João del Rei.**

pelo mesmo motivo. O fato de ter esse livro em sua biblioteca não prova que o tenha lido, mas é provável que sim.

A biblioteca do dr. José Pereira Ribeiro ajuda a esclarecer a questão, pois ele tinha também os *Elementos da arte militar* e igualmente não era militar, mas é provável que tenha dado apoio intelectual ao movimento. Por que um advogado e poeta se interessaria por tal assunto? Não se fale outra vez em 'febre de instrução'. Isso não explica tudo. Não se sabe de nenhuma outra pessoa em Minas, naquela época, que tivesse o livro. Procuramos nos arquivos de Ouro Preto e Mariana os inventários de todos os oficiais do Regimento de Cavalaria Regular de Minas Gerais. Encontramos alguns, não conseguimos localizar outros. Em nenhum dos inventários consultados figura a obra.

Para compreender a sua presença na biblioteca do dr. Ribeiro, temos que examiná-la no contexto bibliográfico em que ela está inserida. Compõem o acervo obras jurídicas, científicas, literárias, e nota-se um conjunto de obras iluministas e de obras que dizem respeito aos Estados Unidos. Destacam-se, sobretudo, a obra de Raynal, as leis dos norte-americanos e uma *História da América Inglesa*. O dr. Ribeiro estava na Europa, vivendo em meio à efervescência intelectual da época, era jovem e deve ter participado da expectativa da separação do Brasil, seguindo o exemplo dos Estados

Unidos. Havia pressão psicológica dos outros países sobre os brasileiros para fazerem também a sua independência. Mais cedo ou mais tarde ela se daria, com luta, naturalmente, e para ela seriam de utilidade os *Elementos da arte militar*.

A biblioteca do cônego tinha a mesma característica, com a diferença de que em vez de obras jurídicas havia obras filosóficas e teológicas. Mas o interesse por obras iluministas e relativas aos Estados Unidos é o mesmo. Os *Elementos da arte militar* não se encontravam aleatoriamente nas duas bibliotecas, mas estavam dentro de um mesmo contexto bibliográfico, correspondendo aos mesmos interesses e expectativas e não a uma epidemia de febre cultural. Nelas havia o exemplo a ser seguido e a teoria e prática revolucionárias. As duas bibliotecas formavam um arsenal ideológico de primeira ordem, principalmente a do dr. José Pereira Ribeiro, que parece ter sido o grande suporte ideológico da Inconfidência Mineira. Só alguns oficiais tinham livros, porém poucos e sem nada de extraordinário a notar quanto à revolução das idéias ou à estratégia militar, com exceção do tenente Antônio da Silva Brandão, em cuja pequena biblioteca havia uma obra da maior importância.

Um irmão desse oficial, capitão Manuel da Silva Brandão, esteve implicado na Inconfidência.<sup>23</sup>

O inventário dos bens do tenente

Antônio da Silva Brandão (que morreu no posto de sargento-mor) foi feito em Mariana em 1827. Nele, são arrolados 19 livros, em sua maioria de assunto militar. Citamos apenas os seguintes: *Tratado das evoluções militares; Instrução do Regimento de Cavalaria Miliciano; Máximas da guerra; Instruções militares de...* (ilegível); *Instruções secretas de Frederico Segundo; Das instruções para a Infantaria.*

O manuscrito é de leitura difícil, porque em muitos pontos está com a tinta bastante apagada. Encontra-se no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana.<sup>24</sup>

As *Instruções secretas* são instruções militares de Frederico II, rei da Prússia, um dos maiores estrategistas do século XVIII, amigo e protetor dos filósofos iluministas, entre os quais Voltaire. Não se sabe quando esse precioso livro foi adquirido, se no fim do século XVIII ou no início do século XIX, já que o inventário é de 1827. O mais provável é que esse e alguns outros volumes de estratégia militar tenham penetrado em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII, pois o visconde de Barbacena considerava o tenente Antônio da Silva Brandão 'hábil', e essa habilidade naturalmente decorria da leitura e estudo de tais livros. Em 11 de fevereiro de 1790, o visconde enviou um ofício a Martinho de Melo e Castro, secretário da Marinha e Ultramar,

juntamente com uma relação dos oficiais do Regimento de Cavalaria Regular, em cujas margens fez observações acerca de alguns oficiais. Ao lado do nome do capitão Manuel da Silva Brandão escreveu: "Com seu efetivo, muito suspeito". E sobre o tenente Antônio da Silva Brandão anotou: "Irmão do capitão Brandão; é hábil."<sup>25</sup>

Seria interessante saber também o que liam os alunos de Mariana e como os livros chegavam até eles. Encontramos numa das prateleiras do Arquivo do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto, numa pilha de fragmentos de inventários, um traslado do seqüestro dos bens do inconfidente Vicente Vieira da Mota, guarda-livros do contratador João Rodrigues de Macedo. O documento estava erroneamente classificado como inventário de 1721, apesar do zelo com que o material é ali guardado. Esse equívoco repete outro, cometido no Fórum de Ouro Preto, de onde procede o manuscrito: escreveram na folha inicial, aliás parcialmente dilacerada e de difícil leitura, '1721 Inventrº'. Como dissemos, trata-se de um traslado. O documento original encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Um trecho do manuscrito nos informa que o tenente Antônio Gonçalves da Mota, testamenteiro do padre Francisco de Paula Meireles, professor régio de Filosofia em Mariana, comunicou que o referido padre pedira em seu

testamento<sup>26</sup> que fossem entregues ao Juízo do Fisco vários livros pertencentes ao confiscado Vicente Vieira da Mota, que os tinha encomendado de Portugal para serem vendidos aos seus alunos (não indicamos o número da folha porque elas não estão numeradas).

Os livros que o padre Meireles ia vender aos seus alunos são, entre outros, os seguintes: 11 vols. da *Lógica* e 10 da *Metafísica*, de Genuense.

É curioso notar que os alunos estudavam nas obras do padre Antônio Genuense ou Genovesi, nome representativo do Iluminismo Italiano, sacerdote tido como avançado e perigoso. Apesar disso, suas obras estavam em muitas bibliotecas de padres e leigos da capitania de Minas Gerais. Nada podia deter o fluxo das inovações. Era difícil manter a ortodoxia num mundo marcado pela inquietação mental e pelo alvoroço das novas aspirações. Quem escapava de uma

heresia caía em outra.

Ai está uma pequena amostra do que padres e alunos liam em Mariana. O cônego Luís Vieira da Silva também teria adquirido livros por meio de Vicente Vieira da Mota? Este é que habitualmente mandava vir livros de Portugal para os letrados de Mariana e Vila Rica? Eis um indicio que merece reflexão e pesquisa. O capitão Vicente V. da Mota era guarda-livros do rico contratador João Rodrigues de Macedo, cuja casa foi um dos locais de encontro dos Inconfidentes. Afirmou a Basílio de Brito que era amigo do cônego, como revela Basílio em sua carta-denúncia.<sup>27</sup> No traslado do auto de seqüestro dos bens de Mota, Luís Vieira figura como um dos seus devedores. A amizade entre os dois e as relações de compra e venda ou de empréstimo levam-nos a considerar a possibilidade da intermediação de Mota na aquisição de livros do cônego.



# N O T A S

1. AUTOS da Devassa da Inconfidência Mineira (A.D.I.M.). Edição da Câmara dos Deputados e do Governo do Estado de Minas Gerais, 1976, vol.II, p.67.
2. Idem, ibidem, II, pp. 100-101.
3. Idem, ibidem, V, pp. 149-150.
4. Idem, ibidem, V, p.173.
5. Idem, ibidem, I, p. 206.
6. Idem, ibidem, I, pp. 189-190.
7. Idem, ibidem, VII, p. 125.
8. Idem, ibidem, I, p. 190.
9. Idem, ibidem, II, p. 46.
10. Recentemente, foi traduzida para o português a *Révolution de l'Amérique*, do abade Raynal. Esse trabalho pioneiro se deve a Regina Clara Simões Lopes, em edição do Arquivo Nacional, Rio, 1993. Para maiores informações acerca da obra do grande iluminista francês, veja-se o substancial estudo introdutório dos professores Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Oswaldo Munteal Filho.
11. 2º Ofício. código 51, auto 1.162.
12. REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, ano I, fascículo 3º, 1896, pp. 447-448.
13. Cf. a edição dos irmãos Murray, Leiden, 1783, 4º vol., p. 321.
14. Cf. a edição de Plssot, Paris, 1780, 1º vol., pp. 350-351.
15. Cf. a edição de Bailly, Genebra, 1776, 2º vol., pp. 418-419.
16. Cf. *Index Librorum Prohibitorum*, SS.MI D.N. PP. XII *iussu editus anno MCHXLVIII. Typis Polyglottis Vaticanis*, pp. 354 e 407.
17. Ver DARTON, Robert. *Boêmia Ilterária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 144-145.
18. Cf. a edição de Samuel e Jean Luchtmans, Leiden, 1772, vol. 3º., pp. 15 e 22.
19. Cf. *O diabo na livreria do cônego*. Itatiaia e USP, 2ª edição, 1981, p. 37.
20. Cf. *A Inconfidência Mineira - uma síntese factual*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989, pp. 282 e 355.
21. A.D.I.M., I, p. 214.
22. A.D.I.M., IV, p. 146.

23. José Cruz Rodrigues Vieira considera-o "um sério simpatizante do movimento". Cf. *Tiradentes* : a Inconfidência diante da história. Belo Horizonte: 1993, 2º vol., 2º tomo, p.703. Oíliam José considera que houve uma "proteção estranha, em meio a tanto excesso de poder", aos capitães Maximiano de Oliveira Leite e Manuel da Silva Brandão, excluídos da devassa, "embora sabidamente comprometidos pelo menos por omissão". Cf. *Tiradentes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974, p. 235.
24. 1º Ofício, códice 101, auto 2.096.
25. A.D.I.M., VIII, pp. 255-257.
26. O testamento, de 29/3/1793 (o óbito deu-se em 1794), encontra-se no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana (Livro de Registro de Testamentos nº 42, 1º Ofício).
27. A.D.I.M., I, p. 100.

## A B S T R A C T

Dr. José Pereira Ribeiro, attorney in Mariana, a University of Coimbra graduate, owned the most important illuminist library of Minas Gerais in the 18th century, more noteworthy in this regard (although a bit smaller) than the famous library belonging to canon Luís Vieira da Silva. Dr. Ribeiro's inventory comprises numerous books regarded as subversive and pernicious, many of them banned by public authorities and the Church.

## R É S U M É

Me. Pereira Ribeiro José, avocat à Mariana, a fait ses études à l'Université de Colmbre; il possédait la plus importante bibliothèque de l'état des Minas Gerais sur le Siècle des Lumières. De ce point de vue, quoique moins vaste, elle était plus remarquable que la fameuse bibliothèque du Chanoine Luís Vieira da Silva. Dans l'inventaire de Me. Vieira figure une grande quantité de livres considérés comme subversifs et pernicioeux, plusieurs interdits par le pouvoir civil et par l'Eglise.